

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

ENSINO
HÍBRIDO
E NOVAS
ESTRUTURAS
EDUCACIONAIS



N1

Revista Educação Continuada

Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.1, Abril 2021

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Enésio Marinho da Silva Jr.
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 1 (Abril 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021

41.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/6036c6baa953955ba4722ec3>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/04/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

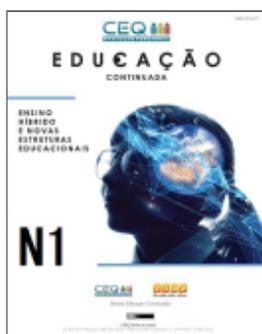
R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

Revista Educação Continuada

<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/6036c6baa953955ba4722ec3>

EDUCAÇÃO CONTINUADA

Sumário



3(1), 2021 Abril (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-11

A PERCEÇÃO DO PEDAGOGO SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andrea Basso Galuppi

[PDF](#) [PDF](#)

ENSAIO

p.12-16

OS DESAFIOS DO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS

Jôely Martins Bonfim dos Anjos

[PDF](#) [PDF](#)

p.17-19

CONQUISTAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Luciana dos Santos Sobrinho

 PDF  PDF

p.20-25

DIFICULDADES E DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO NACIONAL

Elisete Maria Reis

 PDF

p.26-34

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA ESCOLA

Elisete Maria Reis

 PDF

p.35-41

A ARTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Elisete Maria Reis

 PDF

A ARTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Autora: Elisete Maria Reis

RESUMO: Este Artigo teve como propósito refletir sobre a importância da arte como área de conhecimento e disciplina obrigatória no currículo da educação básica focando no seu princípio norteador que defende desenvolvimento integral do aluno. A pesquisa discorre sobre a trajetória histórica do ensino da arte na educação brasileira em diferentes momentos políticos, suas características e seus objetivos. Avalia a relevância do ensino através da arte a partir de propostas metodológicas que valorizem a liberdade expressão e a capacidade de criação do aluno. Analisa a integração da Arte na educação escolar brasileira como componente do currículo por meio da análise de documentos legais pertinentes.

Palavras-chave: Arte, educação básica, educação brasileira.

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo a criança se utiliza de diversas linguagens para se comunicar com o mundo. O choro, o riso, as expressões faciais e corporais, todas essas prerrogativas são figuras de comunicação que o indivíduo utiliza para expressar seus sentimentos.

A infância é a fase das fantasias, das descobertas, das magias. É nessa fase, no momento em que ela entra em contato com o universo escolar, que amplia suas habilidades criativas o que possibilita o seu desenvolvimento. Segundo Buoro (2001, s/p):

O homem nasce com especificidades culturais, psicológicas e sociais, o que permite fazer ligações com a natureza e com o mundo. A oportunidade de frequentar a escola lhe proporciona os primeiros contatos com a linguagem formal e assim

desenvolver suas habilidades criativas, físicas, e psicológicas, ou seja: o desenvolvimento biopsicomotor.

Alguns estudiosos defendem que o aprendizado se torna mais significativo quanto acontece de maneira lúdica, pois através desse processo a criança aperfeiçoa a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio, o controle gestual e as capacidades psíquicas que influem na aprendizagem. A proposta de ensinar através das artes em todas as modalidades da educação básica está garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 e veio contribuir ainda mais para uma prática pedagógica construtiva e significativa.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A institucionalização do ensino da arte no Brasil ocorreu com a chamada Missão Francesa no início do século XIX num modelo bem atualizado no país de origem à época de sua exportação. Os integrantes dessa missão eram membros do Instituto de França, fundado em 1795 sob a supervisão do neoclássico Jacques Louis David, para ocupar o lugar das antigas academias de artes que foram extintas pela Revolução Francesa.

Entretanto, os projetos apresentados para o Brasil eram de cunho mais populares do que a orientação seguida pela escola francesa. D. João VI em 1816 cria através de Decreto a Escola de Ciências Artes e Ofícios para desenvolver projetos que seguem os moldes do ensino de atividades ligadas aos ofícios mecânicos empregados na França e muito aplaudidos em toda Europa.

Apesar de sua importância a missão francesa no Brasil foi considerada uma invasão cultural de cunho elitista. Em contraposição, no final do século XIX, no contexto republicano, os liberais introduziram o ensino do desenho na educação numa perspectiva antielitista como preparação de mão de obra para o trabalho nas indústrias, com base no modelo norte americano.

Contrários ao uso da arte na escola como adorno cultural, alguns liberais a partir de 1870, e principalmente na década de 1880, defenderam a ideia de que uma educação popular para o trabalho deveria ser o principal objetivo da arte na escola e iniciaram uma campanha para tornar o desenho obrigatório no ensino primário e secundário. (SÃO PAULO, 2011, p 11)

Ou seja, o início do ensino do desenho industrial nas instituições de ensino é atribuído aos liberais republicanos. Por volta de 1870, com a criação do partido republicano iniciou uma fase de duras críticas contra o sistema educacional imperialista. Nesta mesma época, os então abolicionistas também defendiam mudanças no sistema educacional evidenciando a necessidade de se estabelecer uma educação popular que preparasse os escravos libertos para serem inseridos no mercado de trabalho. Em seus discursos as principais preocupações eram com a alfabetização e a preparação para o trabalho, daí a necessidade da implantação de um ensino de desenho que fosse próprio para a preparação para o trabalho industrial.

Na busca de um modelo que estabelecesse a união entre criação e técnica, isto é, entre arte e sua aplicação a indústria, os intelectuais e políticos (especialmente os liberais) brasileiros se comprometeram profundamente com os modelos de Walter Smith para o ensino da arte nos Estados Unidos que passaram a divulgar no Brasil. (SÃO PAULO, 2011, p 12)

As concepções de Walter Smith eram voltadas à democratização da arte nas escolas com o objetivo de preparar os alunos das classes populares para o acesso à mão de obra industrial. É, portanto o modelo de Walter Smith, cujos conteúdos já haviam entrado no circuito da educação brasileira através de Abílio César Pereira Borges, que a partir de então teríamos imperando nos ginásios brasileiros.

Em 1980 os liberais ganharam a corrente positivista durante as lutas pela Reforma Republicana na Escola

Nacional de Belas Artes e através de uma reforma educacional em 1901 conseguindo impor suas diretrizes ao ensino do desenho nas escolas secundárias.

A partir de 1927 com a modernização do ensino a arte volta a ser objeto de discussões, sendo introduzidas nas escolas brasileiras de forma extracurricular no início da década de 1930, com a criação das primeiras escolas especializadas em arte onde crianças e adolescentes podiam estudar música, pintura e desenho gratuitamente.

Na década seguinte a política ditatorial implantada no Brasil pelo então presidente Getúlio Vargas impediu o desenvolvimento da Arte-Educação e instituiu alguns procedimentos com características mais técnicas como o desenho geométrico. Quanto ao desenho pedagógico, este foi resumido a gravuras estampas em murais que eram utilizadas nas aulas de produções de textos nas disciplinas de língua portuguesa.

Para Barbosa esse período marca o início da pedagogização da arte na escola. Foi uma época marcada pelo surgimento das Escolas de Artes, espaços que tinham como objetivo possibilitar à criança expressar livremente e liberar suas emoções.

É o início da pedagogização da arte na escola. Não veremos, a partir daí, uma reflexão acerca da arte-educação vinculada à especificidade da arte como fizera Mário de Andrade, mas uma utilização instrumental da arte na escola para treinar o olho e a visão ou para liberação emocional. (BARBOSA, 2003)

No período pós “Estado Novo”, na segunda metade da década de 1940, a partir de 1947, começaram a aparecer ateliers para crianças em várias cidades brasileiras, geralmente orientados por artistas plásticos que tinham como objetivo liberar a expressão da criança fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto.

Com a tomada do país pela ditadura militar em 1964, os professores passaram a ser perseguidos e

gradualmente as escolas experimentais deixaram de atender seus alunos. A partir daí, a arte nas escolas públicas primárias passou a ser dominada por sugestões de temas e por desenhos alusivos a datas comemorativas, que segundo Barbosa ainda hoje reflete nas práticas escolares.

Ainda hoje existem reflexos dessa época. Nas escolas sem orientação de um especialista, os professores continuam repetindo aqueles modelos horrorosos em Xerox. São coelhinhos da Páscoa, índios que fazem alusão ao Dia do Índio, imagens de péssima qualidade estética. (BARBOSA, 2003)

Como afirma Barbosa, trata-se de uma prática que permanece enraizada na cultura escolar, especialmente naquelas escolas que ainda não adequaram seus currículos à pedagogia construtivista.

Na contemporaneidade, as diversas formas e estilos de arte utilizadas no passado são valorizados e utilizados para as diferentes formas de produções artísticas. A arte continua causando a mesma emoção que seus precursores empregaram em suas obras como forma de expressão estritamente humana. Através da arte o homem consegue transmitir seus anseios, suas frustrações, características próprias de sua personalidade, pois seu inconsciente encontra na arte uma forma de interagir com o meio sem sofrer discriminações.

A expressão educação através da arte, criada por Herbert Read em 1948 e, posteriormente denominada de Arte-Educação foi uma das ideias mais utilizadas sobre o ensino de Arte tendo posteriormente a contribuição de outros autores, como Viktor Lowenfeld que tratava da potencialidade criadora da criança.

Com o novo conceito de ensino onde não só o letramento e a aritmética são valorizados, a arte passa a ser considerada como área do conhecimento e assim, indicada como uma ferramenta para ensinar os mais diversos conteúdos.

Todavia, se analisarmos os registros históricos

observaremos que o ensino da Arte nem sempre foi interpretado desta maneira. No Brasil, na primeira metade do século XX, algumas disciplinas relacionadas com a Arte, tais como Desenho, Trabalhos Manuais, Música, entre outras, compunham o currículo das escolas primárias e secundárias, mas, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1997, p. 22) “O ensino de Arte era voltado essencialmente para domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele transmitir aos alunos os conceitos ligados aos padrões estéticos”.

Um grande marco na nossa história ocorreu na década de 1920 em relação à Arte: a “Semana de Arte Moderna”, precisamente no ano de 1922. Isso provocou um considerável aumento de criações de museus de arte moderna e contemporânea, conjugados com um grande número de peças teatrais, e uma elevação da música brasileira, tanto a erudita, quanto a popular.

No final da década de 1960, início de 1970, tentou-se aproximar as manifestações artísticas que ocorreriam fora do espaço escolar com as que se ensinavam dentro dele. Verifica-se nesta época a existência de um grande número de alunos que participavam de peças de teatrais e festivais de canção realizados dentro e fora do ambiente escolar.

Nesta época apareceram também algumas escolas especializadas em artes plásticas como a Escola de Arte Brasil em São Paulo, a Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro, a Escolinha de Arte de São Paulo em São Paulo, o Centro de Educação e Arte em São Paulo e o Núcleo de Arte e Cultura (NAC) no Rio de Janeiro. Essas escolas tiveram ação multiplicadora nos fins da década de 1960, influenciando professores que iriam atuar ativamente nas escolas oficiais a partir de 1971, quando a Educação Artística se tornou componente obrigatório nos currículos de 1º e 2º graus e na universidade nos cursos de Educação Artística e licenciatura em artes plásticas, criados em 1973.

Em 1971, após a promulgação da LDB 5692, a Arte passa a ser incluída no currículo escolar com a denominação de “Educação Artística”. Entretanto, era considerada uma atividade educativa e não uma disciplina

como as demais. Conseqüentemente, nas duas décadas seguintes (1970 e 1980), professores das disciplinas de Desenho, Artes Plásticas, Música, Artes Industriais e Artes Cênicas, deixaram suas áreas específicas para atuarem nesse proposto “conjunto de artes”.

Observa-se que a Arte vem sendo tratada, na maioria das escolas brasileiras, como suporte para as demais disciplinas que compõe o quadro curricular, fato que acaba negando o seu caráter específico enquanto área do conhecimento humano. (FERRAZ; FUSARI, 1992, p. 16)

Com isso, as especificidades de cada tipo de Arte foram sendo disseminadas e os professores passaram a investir apenas nas propostas do ensino de Arte como atividades espontâneas que acreditavam serem suficientes para o aprendizado dos alunos.

A LEI 9394/96 NA ARTE EDUCAÇÃO

Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9394/96, no artigo 26 § 2º, a Arte passa a ser componente curricular obrigatório “em todos os níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Para atender as determinações dessa LDB, em 1998 foram elaborados os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, com o propósito de auxiliar o professor na realização do seu trabalho diário com a educação infantil, agora considerada como primeira etapa da educação básica.

Seus conteúdos foram distribuídos em três volumes sendo que no terceiro foi incluído um capítulo sobre o Movimento e outro sobre as Artes Visuais. Esses capítulos destacaram em suas introduções a importância das atividades dos jogos, brincadeiras e da criação artística como forma de comunicação e expressão humana, o que justifica, porque o homem mantém a necessidade de produzir obras apesar de não terem nenhuma utilidade aparente.

A partir de 2010 a Arte considerada área de

conhecimento e incorporada ao currículo da educação básica como disciplina obrigatória conforme o artigo 26 da LDB 9394/96, modificado pela Lei 12.287/10:

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Com esse pensamento, pode-se entender que a arte retrata não só o momento histórico de cada povo pelas suas tendências contemporâneas, mas também suas crenças e suas aspirações políticas. Dessa forma, as obras artísticas não podem ser encaradas apenas como criações talentosas de beleza e estética de um determinado artista, mas como verdadeiros registros da cultura humana, pois a arte está em todo lugar, presente em toda cultura, independente de raça, cor, aspiração política e religiosa.

A ARTE NA EDUCAÇÃO: Disciplina Obrigatória

Unir a arte à educação e incluí-la como área de conhecimento pode ser considerado uma evolução no processo de aprendizagem, tendo em vista se tratar de um recurso que pode despertar no aluno diferentes habilidades. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) defende o ensino da arte como forma de estimular a criatividade através da liberdade de expressão uma vez que é pautado na ludicidade, o que torna o ensino muito mais atraente, prazeroso e significativo:

A educação através da arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. (BRASIL, 1997, p.15).

Avaliando as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que diz respeito ao ensino da arte nas escolas brasileiras percebe-se que a disciplina depõe em favor do processo evolutivo do pensamento artístico, valorizando as experiências dos indivíduos.

No decorrer desse processo de ensino o aluno torna-se capaz de desenvolver suas capacidades imaginativas, onde imprimir sua criatividade e vai gradativamente incorporando à sua capacidade evolutiva. Como área de conhecimento a arte também contribui para o aprendizado integrativo uma vez que favorece a liberdade de expressão, podendo ser aproveitada em todas as disciplinas e conteúdos curriculares.

A criança trabalhando com as mãos aprende a conhecer o mundo manipulando, construindo, modificando, observando e criando através de atividades lúdicas, conseguindo assim se expressar com liberdade. Compete a escola proporcionar aos seus alunos oportunidades de explorar a arte e assim estimular e desenvolver através de suas atividades todos seus sentidos: visuais, auditivos e perceptivos.

A criança de alguma forma expressa o que sente ou o que vê através do desenho, da música, da dança ou do teatro. A arte tem como objetivo ajudar a criança a se desenvolver livremente, a estimular a criatividade e a expressão. A arte desenvolve o pensamento artístico, deixando o particular dar sentido às experiências do exterior, onde a criança aumenta a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. A criança sem o conhecimento das artes tem uma aprendizagem limitada, escapando o faz de conta, as cores do seu mundo, os gestos e as luzes (BRASIL, 1997).

Neste documento publicado em 1997 a Arte passa a considerada área de conhecimento como todas as demais disciplinas do currículo escolar. Nesse contexto, seu objetivo seria levar as artes como um todo (visuais, dança, música, teatro) para serem aprendidos na escola. Assim

sendo, propicia de maneira lúdica a oportunidade de o aluno decifrar sua visão de mundo, e não somente contemplar a plasticidade que supostamente a obra exhibe. Proporciona ainda à criança ter maior condição de entender e interpretar o verdadeiro significado da sua criação buscando fatos efetivamente vinculados ao seu ambiente cultural.

Para Duarte Junior (1991), “a educação criativa acontece com maior intensidade em nível de sentimento, do que em nível de simbólico, pois ao criar o dinamismo do poder do sentimento do indivíduo se articula com as ideias transformando em objetos de criação”.

Pode-se, com essa estimativa, entender que a criatividade é o processo que resulta na transformação de algum produto e que as instituições que ao incluir a arte em seus currículos, estão contribuindo positivamente para o desenvolvimento socioafetivo e cognitivo da criança, além da possibilidade de interagir com todas as outras disciplinas promovendo a interdisciplinaridade.

No que se refere às emoções, o desenvolvimento criativo do indivíduo através da arte não se resume apenas na função de eliminar a ansiedade. Ele representa toda carga de emoção sendo traduzidos em símbolos, sentimentos muitas vezes reprimidos e inconscientes, independentemente da metodologia utilizada. Dessa forma pode ser utilizada em sala de aula como um instrumento articulador do processo evolutivo do indivíduo.

A arte não é apenas o básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, a arte representa o melhor do trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2003, p. 61).

Com essas afirmações Barbosa define a arte como elemento primordial no desenvolvimento a criatividade,

percepção, imaginação, tendo como pressuposto organizar os sentimentos do indivíduo de maneira que torne possível não somente o fazer artístico, mas também a proximidade com obra de arte adulta, possibilitando a interpretação das ilustrações de mundo.

A ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO: OBJETIVOS E CONTEÚDOS

A propósito do que determina o artigo 26 § 2º da Lei 9394/96, a partir de 2010, o Ensino da Arte passa a constituir componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (redação dada pela Lei 12.287 de 13/07/2010)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o ensino da Arte tem como propósito “as artes visuais, a dança, a música e o teatro para serem aprendidos na escola”. É entendida como disciplina da área de conhecimento e requer constância como todas as demais áreas do currículo escolar. O ensino da Arte nas escolas, portanto deve envolver além de promover atividades que envolvam expressão e estética, o investir em levar conhecimento das diversas culturas artísticas ao longo da história humana.

Ainda segundo os PCNs o ensino da arte tem função tão importante quanto às demais áreas do conhecimento no processo de aprendizagem, pois tem a capacidade de transformar positivamente o indivíduo em seus aspectos cognitivos, sociais e psicológicos, sendo, portanto considerada essencial para o desenvolvimento global da criança.

Através da arte o aluno tem condições de revelar suas ideias bem como estabelecer seu próprio conceito de mundo. Sua importância se firma nas tendências singulares que

personificam a formação do gosto, e estimulam o desenvolvimento das múltiplas inteligências, contribuindo para a formação da personalidade da pessoa sem ter, entretanto, como principal objetivo a formação de artistas.

Para Moreira (1997, s/p), “o constante papel e a magia da arte estão no fato dela recriar toda experiência da humanidade de modos que o indivíduo alcance a plenitude de sua transformação”. Considerando esta “magia de recriação” a criança pode despertar sua imaginação, introduzindo em suas atividades elementos distantes de sua realidade, além de permitir o acesso ao mundo dos sentimentos, promovendo a oportunidade de manifestar suas aptidões muitas vezes amordaçadas pelas imposições de uma educação autoritária e castradora.

Portanto, a necessidade de integrá-la como disciplina no processo educativo, determina que esta ofereça maior possibilidade de desenvolvimento das estruturas mentais, cabendo destacar alguns objetivos dessa integração: o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da capacidade crítica e do encorajamento para a transformação.

As convicções que influenciaram o chamado *Movimento da Educação através da Arte*, admitiam a arte infantil como uma exteriorização de sua personalidade. Baseados nesses princípios pode-se entender que a educação que se firma através de mecanismos que estimulam o potencial de criação infantil possibilita a esta desenvolver-se positivamente nos seus aspectos físico e psico e social.

Ao preparar atividades pedagógicas com o propósito de alcançar esses objetivos, o professor pode adotar vários formatos expressos em diferentes metodologias. Porém, torna-se importante estabelecer posturas que necessariamente respeitem o ritmo da criança, considerando seu ritmo de desenvolvimento, sua origem sociocultural, seus vínculos afetivos, bem como suas ideias, desejos e expectativas. Porém sem lograr a garantia de elementos essenciais que confirmam a esses alunos a ampliação de suas capacidades, tendo em vista que a arte na educação deve ter papel estimulador e desafiante objetivando formar cidadãos autônomos, críticos e reflexivos.

Edith Derdyk, afirma que “a criança, ser global, mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala”. Isso reforça a necessidade da adoção de uma postura pedagógica com políticas humanizadas para afetar positivamente nas suas emoções e sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte pela estética, pelo prazer ou pela necessidade de sobrevivência, sempre esteve presente nas culturas milenares. Na evolução humana ela só foi tomando proporção e propósitos diferenciados conforme a natureza de sua utilização. Na educação, no entanto, na mesma proporção se desenvolveu de modos a atender as necessidades mais primárias do ser humano, além de ser instrumento essencial para o desenvolvimento da aprendizagem propiciando ao indivíduo um contato interior, bem como com o universo a sua volta.

Em se tratando de arte como área de conhecimento do currículo educacional, percebe-se uma relação de cumplicidade indissociável, pois são dois conceitos que se conjugam de forma tão harmoniosa ao ponto de se tornarem partes da mesma unidade: O ato de Educar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BASTOS, Ana Mae, **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Revista Digital Art& - Nº 0, São Paulo: Out/2003. disponível em <http://www.revista.art.br/>

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária

de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**, Volume 6. Brasília: MEC/SEF, 1997, Ministério da Educação e Desportos.

Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUORO, Anamelia Bueno. **O Olhar em Construção. Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ªed. São Paulo: Cortez, 2003.

CRAIZY, Carmem; KAECHER, Gládis. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

DUARTE JR. João Francisco. **Porque Arte – Educação?** 6ª ed. São Paulo: Papirus, 1991.

FERRAZ, Maria Heloisa C.T. Cortez & FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1997.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a Educação do Educador**. São Paulo: Loyola, 1998.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**, 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **Educação Escolar Brasileira: Estrutura Administrativa, Legislação**. 2ª Ed. São Paulo: Afiliada, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.